

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 131

Data: 21.01.75

Pg.: 19

Sugerida a mudança dos atroaris



Atroaris: segundo o coronel, não podem ficar mais perto da estrada

MANOEL LIMA

Correspondente em MANAUS

A transferência dos waimiris-atroaris para uma região longe da área de influência da rodovia Manaus-Caracarái, onde vivem, ou até mesmo para o Parque Nacional do Xingu, a exemplo do que ocorreu com os kranhãcarores, foi defendida ontem pelo comandante do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção, coronel Arruda, antes de uma reunião em Manaus, do Comando Militar da Amazonia com todos os comandantes de BECS que atuam na região.

Segundo o coronel Arruda, está será a única solução, "mais coerente e viável no momento", para que os trabalhadores e oficiais do 6.º BEC sintam-se seguros durante a construção da BR-174, mesmo a despeito de as autoridades militares já terem iniciado a construção do seu acampamento na região do rio Abonari em condições mais seguras, cercado com arame farpado e com tapumes altos para evitar uma possível invasão dos índios.

O coronel Arruda não vê outra solução para o problema dos waimiris-atroaris senão a sua transferência. "A estrada é irreversível como é a integração da Amazônia ao País. A estrada é importante e terá que ser construída, custe o que custar. Não vamos mudar o seu traçado, que seria oneroso para o Batalhão, apenas para pacificarmos primeiro os índios. A transferência é viável e coerente nas condições em que os fatos se apresentam. Os índios continuarão matando, sejam trabalhadores do BEC, sejam da Funai. Por que não levá-los para o Parque Nacional do Xingu? Lá não existem cerca de 14 tribos, vivendo pacificamente?

OS PREJUÍZOS

O 6.º BEC alega que está tendo um prejuízo de quase 6,5 milhões de cruzeiros com a paralisação da estrada nesses 20 dias após o último massacre no rio Abonari. Sessenta e três máquinas pesadas e 527 homens estado parados, aguardando no acampamento o reinício das obras, e dando um prejuízo de 318 mil cruzeiros por dia ao Batalhão. Isso sem contar a alimentação de 527 homens e os prejuízos causados com o atraso nas obras da estrada, cujo cronograma terá que ser alterado. "Esses

são os encargos que o processo de integração da Amazônia causam a Nação, mas o futuro dirá se os prejuízos de hoje — com mortes — não serão benéficos amanhã", disse o comandante do sexto BEC.

A Funai afirma que a situação na região do rio Abonari, onde ocorreu a última chacina, é de absoluta calma e tranquilidade entre os trabalhadores do BEC. Contudo, o comando do 6.º BEC paralisou totalmente as obras da estrada logo após a morte do sertanista Gilberto Pinto, dia 29 de dezembro, "até que se defina o esquema de segurança a ser posto em prática pela Funai, visando a resguardar a integridade física dos trabalhadores e manter afastados os índios da área de influência da BR-174". Na reunião do Comando Militar da Amazônia com os chefes dos BECs não se tratou especificamente do problema dos índios. "A reunião foi puramente técnica e serviu para que os chefes militares avaliassem os resultados dos trabalhos realizados pelos batalhões de engenharia durante o ano de 74. Sobre os índios já discutimos bastante, disse o capitão Sérgio, ajudante de ordens do Comando do 2.º Grupamento de Engenharia e Construção.

O AMBIENTE

Com a paralisação total das obras da estrada Manaus-Caracarái, todos os trabalhadores foram recolhidos ao novo acampamento do 6.º BEC nas margens do rio Abonari, a 10 quilômetros do acampamento da Funai onde os índios mataram Gilberto Pinto. Hoje, o acampamento do BEC — antes cercado apenas por grandes e belas árvores, em plena selva — é uma espécie de forte com duas guaritas, onde dois soldados armados de fuzis, exercem a vigilância.

Dentro do acampamento, o ambiente é de sobressalto permanente, pois de uma hora para a outra um grupo de índios pode aparecer. A ordem do comando é para que eles sejam bem recebidos, como sempre foram. Mas os trabalhadores estão assustados, andam armados de revólveres e espingardas. Um deles disse que "a situação aqui é de medo. Não dormimos bem, estamos sempre assustados. Esses índios chegam sempre sem serem vistos". Esse trabalhador — como os 527 que estão acampados no Abonari — carrega uma espingarda calibre 16" para qualquer eventualidade. "Não vamos atirar pra matar, apenas para assustar os índios". O ambiente no BEC torna-se mais tenso à noite, embora os waimiris-atroaris não andem na mata depois das 18 horas, segundo um mateiro experientado. "Mas ao amanhecer, recolheram para praticar os últimos massacres", lembra um outro mateiro.

DESCUIDO

Segundo o mateiro e quase sertanista Paulo Alves, o Paulo Mineiro, único sobrevivente da expedição Calleri, hoje novamente integrado à Funai, o grande trunfo dos waimiris-atroaris para matar é o descuido, a desatenção e o excesso de confiança dos funcionários da Funai. "Não podemos esquecer que esses índios se habituaram a matar o branco, que lhe dá presentes, lhe abraça e lhe fornece o material para as suas flechas mortais. Temos que lidar com eles com muita atenção, mas transmitir-lhes também respeito e mostrar-lhes que temos força e que podemos reagir à altura em caso de uma agressão da parte deles".

Paulo Mineiro diz que a grande falha da Funai no trabalho de atração dos waimiris-atroaris é não decidir quanto ao líder de uma expedição. "Todos mandam, todos que se encontram num acampamento são íntimos aos índios, confiantes e fornecem presentes. Dar presentes aos índios depois de praticarem um massacre é convidá-los a matar novamente. Os métodos têm que ser outros agora, se quisermos manter o índio longe da estrada. É preciso acabar com essa intimidade com os índios, para que eles sintam que o branco é superior em força e armas".